

UMA EXPERIMENTAÇÃO IRÔNICA NAS TISANAS DE ANA HATHERLY

Matthews Carvalho Rocha Cirne (UFAM/GEPELIP)

RESUMO: A poesia contemporânea portuguesa do século XX procurou inovar continuamente a arte poética através de reinvenções da escrita e de experimentações diversas. Nesta comunicação serão apresentados textos poéticos de Ana Hatherly, construídos por meio da ironia, conforme identificação feita por Floriano Martins na antologia *A idade da escrita e outros poemas*, e que pode ser entendido como a experimentação com a linguagem, que sugere a ironia socrática e a humoresca. A argumentação será respaldada com os estudos publicados por Lélia Parreira Duarte e estará concentrada em fragmentos poéticos ou antifábulas chamadas *Tisanas*, onde Hatherly expande as releituras de seu próprio grafismo irônico pela desconstrução de sentido existente nesses textos que dialogam diretamente com o leitor, este incitado pela dúvida e a curiosidade em desvendar o sentido quase inexistente nos escritos dessas narrativas poéticas. Esta pesquisa faz parte dos trabalhos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Experimentação; Ironia.

ABSTRACT: The contemporary Portuguese poetry of the twentieth century sought to continually innovate through the art of poetry writing and reinventions of many trials. This communication will be presented poetic texts Ana Hatherly, constructed by means of irony, as identification made by Floriano Martins in the anthology *The age of writing and other poems*, and that can be understood as experimentation with language, which suggests the Socratic irony and humoresca. The argument will be supported with studies published by Lelia Parreira will be concentrated in Duarte and poetic fragments or Herbal antifábulas calls where the rereadings Hatherly expands its own graphics ironic deconstruction of the existing meaning in these texts that related directly to the reader, this incited by doubt and curiosity to unravel the meaning almost nonexistent in the writings of these poetic narratives. This research is part of the work of the Group of Studies and Research in Literatures of Portuguese.

KEYWORDS: Poetry; Experimentation; Irony.

A ironia é conceituada como “a figura retórica em que se diz o contrário do que se diz” (DUARTE, 2006, p.18). Tal recurso é evidenciado na parte do livro, objeto desta investigação, intitulado *351 Tisanas*. No que diz respeito a estas, trata-se de poemas em

prosa que colocam em evidência o desvio da tradição da construção poética. As Tisanas obedecem a uma organização definida pela própria autora:

(...), as primeiras 39 são uma espécie de marcha da criança para o *robot*; as seguintes 63 são uma espécie de marcha para ou mesmo mergulho no saber e no delírio. Das números 103 a 176 distingo: 105 a 117 inclusive, *Tisanas de amor*; 122 a 138, *Tisanas do escritor*, a que também pertencem as números 103 e 104 e as números 149 a 156 inclusive, mas as números 139 a 156 denominei *Estados de Trégua*; as números 168 a 173 inclusive fazem referência a, e por vezes parafraseiam, Lacan e Deleuze. Da série inédita (a partir do número 177) são evidentes as que pertencem ao grupo do *antijardim*, que vai até a número 190. Daí em diante, a Tisana 201 talvez possa ser considerada não só como epítome desse grupo, mas também epítome de todas as Tisanas que até agora escrevi. Mas nem sempre penso assim. (1988, p.9-10)

A autora destaca que as Tisanas são um perfeito exemplo da transgressão paródica do *status quo* cultural que, porém, nada tem a ver com a paródia no sentido depreciativo, e até por vezes grotesco que o gênero assumiu no passado.

O novo conceito de paródia, como bem demonstrou Linda Hutcheon em *A Theory of Parody* (apud HATHERLY, 1988), está muito mais próximo da ironia, do que da sátira e da caricatura (HATHERLY, 1988, p.8), ou seja, uma ironia não apenas voltada ao aspecto metalinguístico e à maneira de fabular da poeta-pintora em suas *Tisanas*, mas também à “reflexão sobre as formas de cultura, sua evolução e sua possibilidade de novas contextualizações” (HATHERLY, 1988, p. 8). A partir destas palavras de Ana Hatherly, percebe-se que a aplicação da ironia em seus trabalhos vai além das conceituações tradicionais apresentadas por diversos teóricos a respeito dessa figura retórica.

A respeito da ausência de conexão entre orações que provocam ilogicidade nos poemas de Ana Hatherly, Floriano Martins afirma que a representação desse grafismo reside na ironia, a respeito da qual a poeta declara, em entrevista a Ana Marques Gastão, que esse recurso poético ocupa um espaço extremamente complexo, oscilando entre o sorriso e o riso: “Entre o rir e o sorrir, existe um espaço extremamente complexo. Não cultivo o riso, cultivo a ironia.” (HATHERLY, 2005, p.150). Para demonstrar esse recurso linguístico-literário tomamos como exemplo o poema em prosa *137* do livro *351 Tisanas*:

Sentado à porta de casa um filólogo meditava a evolução das palavras.
Em frente havia um precipício. De tantos em tantos anos caía lá uma
palavra. Então o filólogo retirava a rede e colhia a palavra caída. Não
sei se isso se devia à extrema dificuldade da recolha se à extrema
solidão de seu trabalho. (2005, p.45)

Esta *Tisana* apresenta uma desconstrução do conhecimento a respeito do mundo, partindo de uma frase convencional, compreendida como uma organização de palavras que simula a construção sintática, a qual dificulta a construção semântica gramaticalmente esperada de um texto. Nesse caso, a mensagem não se rompe, mas é redimensionada para o *non sense*, o ruído na mensagem que gera a ironia. As *Tisanas* constituem-se de antifábulas como a própria autora afirma no prefácio do livro *A cidade das palavras* (1988), e são sempre um “acontecimento-problema-interrogação-enigma”, baseadas nos ensinamentos Zen e associadas a uma técnica de destruição da certeza, sempre incitando a dúvida e a reflexão do leitor. Da mesma forma, Lélia Parreira Duarte, em *Ironia e humor na literatura*, afirma que a ironia socrática corresponde a “um princípio metodológico, que utilizaria a retórica para obter o efeito pretendido no

discurso, para provocar dúvidas, esvaziar certezas e deixar em seu lugar um vazio”.
(2006, p. 20)

Além da ironia socrática, a poesia de Ana Hatherly utiliza-se da ironia *humoresque*, em que o objetivo é “manter a ambigüidade e demonstrar a impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo” (DUARTE, 2006, p.18). A respeito disso, Ana Hatherly declara ser impossível traduzir as *Tisanas* após escrevê-las, em suas releituras. Citamos como exemplo a *Tisana 26*, onde a ironia *humoresque* é identificada:

Ia eu orgulhosamente na companhia do meu porco quando de repente me encontrei no mais inusitado estado de perplexidade ao ouvir dizer a mulher é um ser estranho. A perplexidade é um acometimento. Por isso rapidamente compreendendo perguntei estranha a quem. Ignorando eu quem proferira a notória sentença tropeçou e disse a ela é incompreensível isto é compreensível. Não hesitei. Era visível. Avancei e disse a quem. Mas quem não disse. Então eu disse para o meu porco Rosalina segura-me a cauda. Subimos mais um degrau. Eu sentei-me. Depois pedi a Rosalina que me penteasse as orelhas. (2005, p.40)

A respeito desta *Tisana*, a ilogicidade torna-se o elemento determinante para a identificação da ironia. Consequentemente, não há possibilidades de interpretação do texto, onde ocorrem repetições de elementos que modificam a sonoridade e que contêm traços da técnica da desconstrução do sentido, caso em que a palavra transforma-se em um enigma e o ato irônico continua implícito durante a desconstrução sintática e semântica do texto.

Nesta *Tisana* observa-se o jogo de palavras na repetição do pronome “que”, reforçando a ambigüidade, acompanhada da fragmentação, rompendo com a seqüência diegética que possui início, meio e fim. Essa pequena narrativa incita o leitor a fazer outras releituras com o intuito de desvendar o texto-enigma. Por trás da aparente

simplicidade da história narrada, ela se constitui da originalidade do grafismo, sendo este decorrente da complexidade de técnicas profundamente estudadas pela autora até chegar às experimentações com a palavra. A autora justifica ainda na *Tisana 152*, publicada em *A cidade das palavras*, que os momentos em que se encontra desprovida de ironia, devem-se à falta de orgulho:

Estou duramente sem ironia. A desconstrução é um labor altamente construído. À lassidão tudo conduz mesmo esse doce extremo do orgulho implícito na obra. Por isso a pergunta importante a fazer não é porque é que somos reprimidos, mas sim porque é que nos comprazemos na repressão. (1988, p.78)

A ironia passa, pois, a ser caracterizada não como uma experimentação realizada por Hatherly, mas como o caráter da autora evidenciado em seus textos pela contextualização histórica, pelas convenções sociais e pelo tradicionalismo das composições poéticas. Retomando a ironia retórica como referencial para a análise de seus textos, pode-se identificar esse recurso na *Tisana 80*:

Era uma vez uma história tão impressionante que quando alguém a lia o livro começava a transpirar pelas folhas. Se o leitor fosse muito bom o livro soltava mesmo algumas pequeninas gotas redondas de sangue. (HATHERLY, 2005, p.44)

Ana Hatherly utiliza-se da ironia justamente para gerar o absurdo, o estranhamento na leitura do texto, tendo em vista, na realidade cotidiana, a impossibilidade de um livro transpirar pelas folhas e soltar gotas redondas de sangue.

Ainda na antologia *A idade da escrita e outros poemas* encontram-se poemas da obra *Rilkeana* (1999), em que Hatherly dá ênfase à beleza aristotélica fundamentada

na beleza interior, evidenciando princípios morais. Ao definir o emprego da ironia em sua obra, que pode ser identificada a princípio na obra *351 Tisanas*, a escritora abre mão em alguns momentos do eu lírico e põe em evidência o eu escritor, sustentado pelos seus desejos:

Sob os silêncios do céu
caminho solitária
apoiada só na minha ironia

É como se fosse Domingo
ao fim da tarde
quando as viúvas
caminham devagar
olhando as vitrines
com seus olhos cansados

Mas o vôo não termina com a juventude
e o mágico engenho do desejo
continua
enchendo a esperança
o bater de asas do juvenil orgulho

Sob os silêncios do céu
neste novo inferno
a cada um só resta
mais ainda
o seu próprio vôo solitário
(HATHERLY, 2005, p.79)

A percepção da ironia utilizada pela autora logo cumpre o objetivo proposto pela ironia socrática: pôr em evidência o ato irônico, dizendo o contrário do que se quer dizer.

Esse recurso artístico na obra de Ana Hatherly associa-se tanto ao Surrealismo como ao Concretismo. No primeiro caso, a ilogicidade da escrita mecanizada produz o efeito de ironia *humoresque* no leitor, incitando-o a manter sempre um espírito reflexivo no decorrer da leitura; o segundo caso se deve à visualidade do texto, aspecto definidor dos poemas concretos, como afirma Pierre Garnier: “A poesia visual e a poesia fônica

mudam a destinação do leitor. Este até então era passivo. O poema se fechava nele. A nova poesia exige sua colaboração” (Apud TELES, 1997, p.216).

Em Portugal, a poesia concreta ou visual é evidenciada no movimento experimentalista. Pode-se enfatizar também outras finalidades dessa arte como a criação de “objetos poéticos” por meio da exploração máxima das possibilidades de estruturação do objeto artístico, já que o poema era considerado como tal. São apresentadas características como a valorização do espaço, apelo à comunicação não-verbal, predominância da forma geométrica e da matemática da composição, denúncia de problemas sociais, participação ativa do leitor através das impressões sensoriais produzidas no ato da leitura.

O ato da escrita de Ana Hatherly envolve diversos processos que se interligam; de um lado tem-se a arte da palavra escrita e de outro a arte pictórica. Essas duas manifestações artísticas, ao serem aplicadas de forma conjunta proporcionam, além da ilegibilidade, a inter-relação da poesia com a pintura, ou seja, a desordem discursiva é também causada pela plasticidade do texto. Em *Obra aberta*, Umberto Eco afirma que Abraham Moles aceita a imprevisibilidade da informação, mas que o problema reside na ambiguidade da informação, que possui difícil decodificação. Segundo Moles, “ao visar o máximo de imprevisibilidade visa-se o máximo de desordem, na qual não só os mais comuns, mas todos os significados possíveis resultam inorganizáveis” (2001, p.128). Desse modo, a imprevisibilidade das *Tisanas*, de Hatherly está inserida em uma *poética da abertura*, sem interpretações possíveis, sendo “uma imagem da descontinuidade: não a descreve, ela própria é a descontinuidade.” (HATHERLY, 2001, p.158) no processo de evolução da escrita na contemporaneidade.

Portanto a ironia, no livro *A idade da escrita e outros poemas*, apresenta-se sob os seguintes aspectos:

- Desconstrução sintática e semântica que suprime a construção do significado do texto, desfazendo a ideia convencional da realidade, misturando-a com a imaginação e levando ao questionamento sobre o que é a realidade e a irrealidade;
- Instigamento à procura de novo sentido para a leitura quanto ao rompimento dos limites da legibilidade e ilegibilidade;
- Exigência de nova atitude do leitor, que não mais precisa interpretar, mas ser despertado para entrar no labirinto da leitura;
- O artista é um ironista que utiliza faculdades proteicas para não correr o risco de se viciar em determinado recurso lingüístico-literário e ser facilmente identificado, exigindo de si próprio a contínua experimentação artística.

Dessa maneira, se o leitor ri primeiramente porque não compreende o texto, esse riso é contido e leva a questionamentos sobre a própria ordem estabelecida pela sociedade. A ironia identificada nas escrituras de Ana Hatherly constitui-se em terapia para a desordem provocada pela ausência do sentido, sendo uma delas a destruição da ideia tradicional do poema.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Lélia Parreira. Arte & manha da ironia e do humor. Duarte, Lélia P. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. 8ª Ed. São Paulo. Perspectiva, 2001.

GASTÃO, Ana Marques. *Palavras que riem*. HATHERLY, Ana. *A idade da escrita e outros poemas*. 1ª ed. São Paulo: Editora Escrituras, 2005, p. 119-151.

HATHERLY, Ana. *A cidade das palavras*. 1ª ed. Quetzal Editores, Lisboa, 1988.

HATHERLY, Ana. 351 Tisanas. *A idade da escrita e outros poemas*. 1ª ed. São Paulo: Editora Escrituras. 2005.

MARTINS, Floriano. *A visceralidade da escrita*. In: HATHERLY, Ana. *A idade da escrita e outros poemas*. 1ª ed. São Paulo: Editora Escrituras, 2005, p. 13-16.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. 17ª ed. Editora Vozes. 1997, p.214.

i

ⁱ Este trabalho é parte integrante do projeto de Iniciação Científica “O grafismo em A idade da escrita e outros poemas, de Ana Hatherly” (UFAM/GEPELIP).